



Psicologia

“Porque é que tenho que ir para a escolinha?”

Embora a entrada para o Jardim de Infância seja um momento importante na vida e no percurso de desenvolvimento de uma criança, este pode ser um momento particularmente difícil e angustiante quer para as crianças quer para os pais.

É frequente ouvirem-se relatos acerca do esforço para levar e manter a criança na escola e acerca da recusa e resistência que a criança oferece perante estas tentativas. Nestas situações, é comum a criança chorar, agarrar-se à mãe, pedir para não ir ou para não ficar na escola, recusar-se a ir com a educadora ou professora, arranjar todas as desculpas para prolongar a permanência da mãe ou outro familiar que a leve à escola (“é só mais um beijinho...”), enfim, todo

um conjunto de manifestações de angústia às quais é impossível ficar indiferente. Se bem que ultrapassar esta situação possa não ser muito fácil, não se pode dizer que estas reacções sejam um problema grave. Estes comportamentos acontecem habitualmente nas primeiras semanas e depois, se pais e educadores conseguirem lidar eficazmente com eles, tendem a desaparecer sem consequências de maior. No entanto, casos há em que esta situação se prolonga muito para

além do que seria de esperar, alongando o sofrimento de todos. Assim, é na tentativa de reduzir este mal-estar a um tempo mais curto e de prevenir o agudizar da situação que vale a pena focar algumas das atitudes mais e menos eficazes para a sua resolução. Quase todos os pais, hoje em dia, consideram importante que a entrada da criança para o Jardim de Infância seja efectuada de forma gradual. São muitos os casos em que a criança come-

ça por ir ver a instituição, familiarizar-se com o espaço e com a educadora, permanecer aí algum tempo ainda com um dos pais, depois ficar uma manhã e, finalmente, na data prevista, ingressar no Jardim de Infância a tempo inteiro. De facto, esta é uma forma de "suavizar" a passagem de uma situação em que a criança estava em casa ou com uma ama, num ambiente familiar e com pessoas (habitualmente poucas) perfeitamente conhecidas, para um ambiente diferente, desconhecido, maior e com muito mais gente que também não conhece. Se bem que a correria do dia-a-dia possa fazer com que as boas intenções de proceder a esta adaptação gradual fiquem para trás, a primeira sugestão diz respeito ao planea-

mento e organização de tempo para acompanhar a criança nesta aproximação gradual. Se a dificuldade em adaptar-se a esta nova fase, o choro e as reacções de recusa associadas ainda assim se verificarem, as atitudes dos pais (e a ajuda da educadora) continuam a ter uma função essencial.

Como em qualquer outra situação difícil, quer as reacções mais permissivas quer as mais rígidas e autoritárias têm contra-indicações. Por exemplo, perder a paciência e ralhar ou gritar quando o desespero de conseguir convencer a criança a ir para a escola ultrapassou os limites, aumenta nela a intensidade de sentimentos negativos, faz com que chore ainda mais e se sintam menos compreendida e

mais insegura ao enfrentar a nova situação. Por outro lado, uma atitude demasiado permissiva que, face ao choro da criança, lhe permita ficar em casa alguns dias ou adiar algumas horas a ida para a escola, adia a resolução do problema e a adaptação da criança às novas rotinas, para além de a fazer perder oportunidades de aprendizagem importantes tanto a nível de conteúdos e desenvolvimento de competências (habitualmente a leitura de histórias, a conversa sobre o fim-de-semana e as aprendizagens mais formais e estruturadas desenvolvem-se nas primeiras horas da manhã) como ao nível da socialização com as outras crianças. Ceder a pedidos e lágrimas para não ir à escola, ensina à criança que este comportamento resulta para conseguir ficar em casa, o que fará com que o continue a repetir até que a atitude dos pais mude e ela perceba que ir para a escola é inevitável. Para conseguirem isso, os pais devem mostrar-se compreensivos mas firmes na sua decisão de a criança ficar na Escola - "eu sei que ainda te custa um bocadinho, mas vais ver que quando tiveres lá amigos e vires as coisas giras que



vais aprender vais gostar muito de lá andar”.

Outra questão importante e mais subtil, diz respeito à reacção emocional e argumentações com que os pais tentam convencer a criança a ir ou a permanecer “na escolinha”.

Efectivamente, os habituais argumentos de “tens que ir”, “a mãe e o pai também têm que ir trabalhar”, “por vezes também não nos apetece ir trabalhar, preferíamos ficar em casa e também vamos” e outras verbalizações do mesmo género, transmitem à criança, aos 3 ou 4 anos, que a razão “porque têm que ir à escolinha” está relacionada com uma obrigação (tal como ir trabalhar...) à qual nenhum de nós consegue, infelizmente, escapar! No entanto, a mensagem para alguém que está a iniciar a escolaridade, de forma a ajudar a interiorizar, desde cedo, o valor e o prazer de aprender e de se relacionar, devia ser outra .

Afinal, ela vai para um sítio com outros meninos, onde vai fazer muitos amigos, brincar e divertir-se muito, jogar jogos que não tem em casa, aprender muitas coisas, algumas das quais até vai poder ensinar aos pais... Ou seja, “ir para a escolinha” é algo extremamente positivo e divertido, e não algo chato e obrigatório.

Por outro lado, a intensidade emocional desta situação e a dificuldade dos pais em lidar com ela, leva a que muitos pais saiam do infantário onde acabaram de deixar o filho a chorar, também

com as lágrimas nos olhos. Isto não passará despercebido à criança, e como ela conta implicitamente com as figuras significativas para darem sentido à sua experiência e ao mundo que a rodeia, a mensagem transmitida por uma mãe que chora quando deixa o filho no Jardim de Infância é que este não é um “bom lugar para ficar”; de outra forma, porque estaria a mãe a chorar? O mesmo se pode dizer das incontáveis “voltas atrás” para “dar mais um beijinho” ou para “ver se ele ficou bem”, que



habitualmente resultam num choro redobrado e mais difícil de resistir. O mais eficaz é mostrarem-se seguros de que a criança vai conseguir acalmar, ficar bem e divertir-se ao longo do dia, assegurar que a virão buscar à tarde, dar um beijinho e entregá-la à educadora, mesmo que ainda esteja a chorar. Deve confiar na criança, na educadora e na escola, para que a criança confie também. Muitas vezes, é mais eficaz ser o pai e não a mãe

a levar a criança à escolinha. O pai é habitualmente mais consistente, cede menos e consegue mostrar-se mais firme e menos preocupado e é exactamente isso que nesta fase é necessário.

Não convém, nestes primeiros dias, deixarem a criança na escola até muito tarde ou atrasarem-se relativamente à altura em que disseram que a iriam buscar. Embora a criança ainda não saiba as horas, tem outro tipo de referências mais concretas para se regular, por exemplo, o fim da sesta ou do lanche, ou ver os outros meninos começarem a ir para casa e ela ainda ficar. É preferível não deixar que a ansiedade da criança aumente face a isto; não ajuda nada levá-la para casa no fim do dia quando ela estava já a chorar novamente - o que ficará na memória, é o desagradável que estava a ser e como foi bom sair de lá e ir para casa com a mãe. Isso só dificultará o seu regresso no dia seguinte. Depois de irem buscar a criança, e no caso de a terem encontrado bem, é eficaz recompensá-la fazendo juntos algo que ela valorize, por exemplo, comer um gelado ou ir aos baloiços, verbalizando quanto estão contentes e orgulhosos de ela ter ido à escola e incentivando-a a contar as coisas divertidas que se passaram por lá.

Outros factores de circunstância podem dificultar a entrada da criança para o Jardim de Infância, por exemplo, a existência de um irmão mais velho com

problemas de adaptação na escola ou a existência de um irmão mais novo que fica ainda em casa sem a criança perceber porquê. Neste último caso, devem tentar seguir-se as indicações anteriores ainda com maior consistência, acrescidas de uma maior atenção e valorização da criança por estar numa fase mais avançada e pelas coisas que vai conseguindo fazer e que o seu irmão ainda não consegue, para que a criança sinta a ida para a escola como uma mais valia e não como uma rejeição. Em suma: "ir para a escolinha"

pode ser uma situação em que a entrada para um ambiente novo, diferente e, por vezes, assustador é abrupta, transmitida como uma obrigação de ficar num local tão chato e tão mau, que faz a mãe chorar e, onde, por vezes, até é permitido não ir e ficar em casa; ou, "ir para a escolinha" pode ser uma situação em que a entrada para um ambiente novo, diferente e igualmente assustador é feita de forma gradual, transmitida como uma oportunidade de brincar, fazer amigos e aprender coisas novas e divertidas. Se fosse você a ter que escolher

entre ficar em casa e ficar numa destas duas situações, qual escolheria?!

Maria do Céu Salvador
Docente da Faculdade de
Psicologia da Universidade de
Coimbra
Directora do Núcleo de
Formação e Intervenção
com Crianças e
Adolescentes-Psikontaktó
Coimbra
info@psikontaktó.com

SECRETÁRIA
executiva

Agenda 2006

Disponível a partir de 15 de Outubro!



Trevasas Conde da Ponte N.º 10
1.º Esq. 1300-141 Lisboa
Tel: 21 360 01 80 - Fax: 21 360 01 89
geral@media-target.net

media Target
edição e marketing